



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI - POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

RAÍZA PEREIRA DA SILVA FREITAS

**NARCISISMO DIGITAL, PRÁTICAS CONFSSIONAIS E SUBJETIVIDADES: UMA
REFLEXÃO A PARTIR DA MÚSICA “DESCONSTRUÇÃO” DE TIAGO IORC**

**MONTEIRO-PB
2022**

RAÍZA PEREIRA DA SILVA FREITAS

NARCISISMO DIGITAL, PRÁTICAS CONFSSIONAIS E SUBJETIVIDADES: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA MÚSICA “DESCONSTRUÇÃO” DE TIAGO IORC

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras - Português.

Orientador: Prof. Dr.Diego Breno Leal Vilela

**MONTEIRO-PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F866n Freitas, Raiza Pereira da Silva.
Narcisismo digital, práticas profissionais e
subjetividades [manuscrito] : uma reflexão a partir da música
"Desconstrução" de Tiago Iorc / Raiza Pereira da Silva
Freitas. - 2022.
33 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Humanas e Exatas , 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Diego Breno Leal Vilela ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Narcisismo digital. 2. Redes sociais. 3. Instagram. I.

Título

21. ed. CDD 801.959

RAÍZA PEREIRA DA SILVA FREITAS

NARCISISMO DIGITAL, PRÁTICAS CONFSSIONAIS E SUBJETIVIDADES: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA MÚSICA “DESCONSTRUÇÃO” DE TIAGO IORC

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras - Português.

Aprovada em: 30/03/2022.

BANCA EXAMINADORA

Diego Breno Leal Vilela

Prof. Dr. Diego Breno Leal Vilela (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Jordão Joanes Dantas da Silva

Prof. Dr. Jordão Joanes Dantas da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Kleyton Jorge Canuto

Prof. Dr. Kleyton Jorge Canuto
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, sem ele na minha vida principalmente nesses últimos meses, nada seria possível e, talvez, eu nem estivesse onde estou.

Em segundo lugar, ao meu orientador e exemplo de profissional a ser seguido. Breno, com sua didática e toda a sua compreensão, me ajudou mais do que imagina e muito além do que era sua função. Me levantou e segurou na minha mão quando eu pensava em desistir. Breno possui técnica e a aplica de maneira humana e gentil, sua prática docente é um exemplo que deve servir de inspiração e que muito contribuiu para que eu pudesse realizar mais um objetivo de vida, pois essa pesquisa é uma enorme realização pessoal.

Agradeço aos membros da banca examinadora, pelo interesse e tempo, também pela gentileza em aceitar o convite e pela certeza de suas contribuições para este trabalho.

Para meus pais, esse trabalho é a prova de que os esforços deles não foram em vão, vou orgulhá-los, assim como eles são o meu orgulho.

Para meu filho, João, e Hugo, meu esposo, o meu muito obrigada pelo apoio e compreensão de sempre. Foram anos na graduação, meses e horas de ausência, esse esforço também é por vocês e para vocês.

Para todos os que fazem o Campus VI- CCHE acontecer e, em especial, o assistente administrativo, José Marcos, funcionário prestativo, bem humorado e solícito com todos, minha singela homenagem.

Homenageio também minhas amigas e colegas de curso que foram um alívio nos momentos difíceis: Jayane, Bia, Évila, Fernanda e Naíra. Ao querido amigo de infância, Samuel, e também sua esposa, pois ajudaram com a tradução do abstract deste trabalho. Ao meu colega de curso, Eduardo, agradeço seu companheirismo e nossas conversas sobre TCC.

Aos docentes: Simone Alves, Adriana Gregório, Jordão Joanes, Geisiane Melo e Michel Costa, vocês são especiais e eu prometo honrá-los quando estiver em sala de aula.

A todos vocês, mencionados aqui explícita ou implicitamente: a minha eterna gratidão. Eu NUNCA irei esquecê-los.

Desconstrução (Tiago Iorc)

“Quando se viu pela primeira vez
Na tela escura de seu celular
Saiu de cena pra poder entrar E
aliviar a sua timidez
Vestiu um ego que não satisfez
Dramatizou o vil da rotina
Como fosse dádiva divina
Queria só um pouco de atenção
Mas encontrou a própria solidão
Ela era só uma menina

Abrir os olhos não lhe satisfez
Entrou no escuro de seu celular
Correu pro espelho pra se maquiar
Pintou de dor a sua palidez E
confiou sua primeira vez
No rastro de um pai que não via
Nem a própria mãe compreendia
No passatempo de prazeres vãos
Viu toda a graça escapar das mãos
E voltou pra casa tão vazia

Amanheceu tão logo se desfez
Se abriu nos olhos de um celular

Aliviou a tela ao entrar
Tirou de cena toda a timidez
Alimentou as redes de nudez
Fantasiou o brio da rotina

Fez de sua pele sua sina Se
estilhaçou em cacos virtuais
Nas aparências todos tão iguais
Singularidades em ruína

Entrou no escuro de sua palidez
Estilhaçou seu corpo celular
Saiu de cena pra se aliviar
Vestiu o drama uma última vez
Se liquidou em sua liquidez
Viralizou no cio da ruína
Ela era só uma menina
Ninguém notou a sua depressão
Seguiu o bando a deslizar a mão
Para assegurar uma curtida“

(Tiago Iorc, 2019)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. TIAGO IORC – UMA BREVE BIOGRAFIA.....	11
3. “DESCONSTRUÇÃO” EM SUA FORMA E CONTEÚDO	12
4.1. As facetas do Instagram	19
5. “PRÁTICAS CONFSSIONAIS” E A DILUIÇÃO DAS FRONTEIRAS ENTRE PÚBLICO E O PRIVADO.....	21
6. NARCISISMO DIGITAL E SUBJETIVIDADE NAS REDES	23
7. FINAIS SEMPRE TRÁGICOS? EXPOSIÇÃO NA REDE, UMA VI(D)A DE MÃO DUPLA	26
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS	31

NARCISISMO DIGITAL, PRÁTICAS CONFSSIONAIS E SUBJETIVIDADES: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA MÚSICA “DESCONSTRUÇÃO” DE TIAGO IORC

Raíza Pereira da Silva Freitas¹

RESUMO

Tendo em vista que o mundo atualmente vive uma imersão quase que total no universo das redes sociais digitais, esse trabalho se propõe a analisar tal fato e debruçou-se em apresentar a música “Desconstrução”, de Tiago Iorc, e, a partir dela, refletir sobre questões que envolvem as redes sociais digitais, suas formas de uso, interação e seu impacto na produção de subjetividades no mundo contemporâneo. Para tanto, é necessário entender quais consequências o uso contínuo das redes sociais pode trazer, que tipo de sujeito essas redes têm criado e quais mudanças no comportamento das pessoas são fruto das experiências delas nas redes sociais. Pessoas comuns, de todas as partes do mundo passaram a se utilizar de diversas ferramentas e dispositivos para expor sua intimidade voluntariamente. Tal exposição tornou-se palco para a criação de personagens que se auto representam e interpretam sua própria vida por meio de “confessionários eletrônicos”. Neste percurso, as noções de “narcisismo digital”, “práticas confessionais” e “esferas pública e privada” tornaram-se ideias-chaves em nossa linha de interpretação, partindo de uma revisão bibliográfica baseada em autores, como Han (2015, 2017, 2018), Sibilía (2016), Bauman (2008) e Silva (2020).

Palavras-chave: Narcisismo Digital. Público x Privado. Redes Sociais Digitais.

¹ Graduanda em Letras - Português pela Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação do Profº. Drº. Diego Breno Leal Vilela. E-mail: raizasilvapp@gmail.com

ABSTRACT

Digital Narcissism, Confessional Practices and Subjectivities: a reflection from the music “Deconstruction” by Tiago Iorc.

Considering that the world is currently experiencing an almost total immersion in the universe of social networks, this work is focused on presenting an analysis of the song "Desconstrução" by Tiago Iorc. This song reflects on issues involving social networks, their use, their interaction, and their impact on the creation of subjectivities in the contemporary world. Therefore, it is necessary to understand what consequences the continuous use of social networks can bring, what type of subject these networks have created, and what the main changes in people's behavior are because of their experiences in social networks. Ordinary people throughout the world use various tools and devices to expose their intimacy voluntarily. This exposure became the stage for the creation of characters who represent themselves and their lives through "electronic confessionals". In this study, the notions of "digital narcissism," "confessional practices," and "public and private spheres" have become key ideas in my line of interpretation, starting with a literature review based on authors such as Han (2015, 2017, 2018), Sibilia (2016), Bauman (2008), and Silva (2020).

Keywords: Digital Narcissism. Public vs Private. Social networks.

1. INTRODUÇÃO

O mundo passou por transformações nos últimos anos que foram revolucionárias ao ponto de modificar comportamentos em um curto espaço de tempo. Hoje, uma das primeiras atividades que a maior parte dos indivíduos faz é verificar seus aparelhos eletrônicos, principalmente o celular. Isso quando não dormem ao lado do aparelho, sempre esperando mais um e-mail, mais uma notificação.

Isso parece se intensificar quando pensamos no caso das redes sociais digitais. A “desconstrução” do caráter real das coisas muito tem contribuído para a vida irreal que as pessoas têm criado através de suas próprias contas nas redes. Não apenas através das imagens com filtros e da adesão do *photoshop* como maneira de alcançar um padrão de corpo tido como ideal, mas com a superexposição de acontecimentos banais, narrados com grande estima e dotados de discursos por vezes, consumistas. Quem navega em uma rede social consegue observar quem quer ser observado “o desejo de observar e consumir vidas alheias” (VALADARES, 2013. p.62), e se permite ser visto pelo outro apenas naquilo que deseja que seja visualizado. Contudo, esse movimento narcísico e que rompe até a divisão do momento público e privado, parece influenciar um distanciamento cada vez maior do coletivo, além de permear o ambiente virtual com imagens produzidas para agradar os olhos dos outros e, como recompensa, ter de volta *likes* e uma espécie de aprovação social².

Diante deste breve panorama apresentado, lançamos as seguintes questões: quais seriam as implicações dessa imersão quase que total das pessoas no universo das redes sociais digitais? Quais são as consequências que o uso contínuo delas pode trazer para quem utiliza e, que tipo de sujeito essas redes têm criado? Quais principais mudanças no comportamento das pessoas são fruto das experiências delas nessas redes?

Todos esses processos estão sendo vivenciados, percebidos e tematizados por uma série de campos bastante diversificados, tais como pensadores contemporâneos, filmes, séries como *Black Mirror*, bem como por artistas, a exemplo de Tiago Iorc. Em sua música “Desconstrução”³, o compositor narra a trajetória de uma personagem que

² A verdade é que cabe a dúvida se seriam essas redes realmente sociais ao ponto de beneficiar os seres humanos a uma melhor socialização com outros, ou apenas uma camuflagem rebuscada e contraditória que possui efeito oposto à finalidade para a qual foi criada.

³ Desconstrução recebeu o Grammy Latino de melhor canção em Língua Portuguesa no ano de 2019.

utiliza as redes sociais como refúgio, mas que apesar da sensação de estar rodeada de amigos/seguidores, se sente sozinha e desamparada. As questões abordadas na música, em tom notadamente crítico, nos permitem problematizar uma série de questões sobre a dinâmica de uso e interação nas redes sociais, e em especial, do *Instagram*.

Assim, este artigo possui por objetivo apresentar uma análise da música “Desconstrução”, do compositor Tiago Iorc, e, a partir dela, refletir sobre questões que envolvem o uso das redes sociais digitais e suas consequências no mundo contemporâneo. Nessa empreitada, algumas ideias e conceitos serão centrais. A primeira delas diz respeito ao que Sibilla (2016) denominou por “práticas confessionais” e as consequências geradas pelo uso e comportamento nas redes sociais digitais, que se refere à diluição de fronteiras entre as esferas públicas e privadas. Depois, lançaremos uma reflexão sobre o narcisismo digital e produção de subjetividade nas redes, fortemente amparadas nas ideias de Han (2015, 2017, 2018), Sibilla (2016), Bauman (2008), Silva (2020) e Rodrigues (2019).

Amparados na proposição de Silva (2020), entendemos que a vida contemporânea tem se situado em práticas de “auto operação”, como menciona o mesmo autor. Esse processo configura-se em uma “fabricação de si mesmo”, e, principalmente, está alicerçada em atividades diárias nas redes sociais digitais.

Para alcançar nossos objetivos e responder às nossas questões problema, seguiremos tal sequência: iniciaremos fazendo uma breve apresentação de Tiago Iorc, e, posteriormente, a música que é o objeto de análise deste trabalho. No tópico seguinte, faremos a descrição das redes sociais digitais. No quinto tópico, buscamos entender o rompimento do público e do privado nas redes sociais, as práticas confessionais e uma superexibição de si mesmo como produto a ser vendido e publicado. Dando seguimento, apontaremos questões sobre as práticas dos usuários no *Instagram*, como ele poderia potencializar o narcisismo e como tem sido central na produção de subjetividades nas redes. Por fim, procuramos compreender o dualismo que oportuniza os usos das redes sociais digitais, exemplos reais e exitosos de brasileiros que conseguiram alcançar patamares inimagináveis para a sua realidade caso não tivessem nas mãos o acesso a uma rede social.

Desse modo, foi utilizado o método de pesquisa qualitativa com a finalidade de analisar uma obra artística, partindo de uma revisão bibliográfica baseada no trabalho de autores como Han (2015, 2017, 2018), Silva (2020), Sibilla (2016), Marteleto (2001),

Bauman (2008), Rodrigues (2019), entre outros que elaboraram trabalhos pertinentes ao assunto.

2. TIAGO IORC – UMA BREVE BIOGRAFIA

Tiago Iorc é cantor, compositor, produtor musical e graduado em Publicidade pela PUC-PR (Pontifícia Universidade Católica do Paraná). Em seus 15 anos de carreira, o cantor teve várias músicas emplacadas em novelas da Rede Globo, a exemplo de *Duas Caras*, que ganhou a trilha do compositor intitulada "Scared". Em 2009, "My Girl" foi um dos temas de "Viver a Vida". Em 2010, foi a vez de "Gave Me a Name" fazer parte da lista de músicas de "A Vida da Gente". Em *Malhação*, suas composições são sempre parte da trilha sonora, a exemplo de: "Story of Man" em 2012, "Fine" em 2011 e "Nothing But a Song" em 2007. Em 2010, Tiago também se notabilizou por ter recebido o prêmio de Melhor Artista Estrangeiro por sua apresentação no *Grand Mint Festival* na Coreia do Sul e no Japão, e teve uma de suas músicas na 19ª posição da *Billboard*⁴.

Nascido em Brasília, Tiago mudou-se para a Inglaterra aos 10 meses de idade e retornou ao Brasil aos 5 anos. Por muito tempo a maioria das suas músicas foi composta em inglês, por afirmar que era nessa língua que se sentia mais confortável para se expressar. No entanto, a partir de 2013 o artista lançou um álbum intitulado *Zeski* e nele desenvolveu canções nos dois idiomas. Em 2015, o álbum *Troko Likes* foi lançado e, nele, boa parte das canções eram em português, com apenas uma no idioma inglês.

Contudo, o álbum que mais nos chama a atenção é "Reconstrução". Ele surge em 2019, após um longo período de afastamento de Tiago Iorc das redes sociais digitais e da mídia em geral – ao todo foram 14 meses longe dos holofotes ou de qualquer plataforma virtual. No dia 5 de maio de 2019, "Reconstrução" é lançado pela Iorc Produções. Logo após uma temporada de shows em todo o país, ainda em 2020, o cantor se afastou novamente das redes sociais digitais e da mídia, retornando ao lançamento de sua nova música, *Masculinidade*, em novembro de 2021.

⁴ Tabela da indústria musical nos Estados Unidos para canções, publicada semanalmente pela revista *Billboard*. As posições são baseadas em vendas (físicas e digitais), execuções de rádio (*airplay*) e *streaming online* nos Estados Unidos.

É interessante mencionarmos que Tiago Iorc não abre o discurso sobre redes sociais apenas a partir de 2019, com o lançamento de “Desconstrução”. Assim, a música nomeada “Sol que faltava” lançada no álbum de 2015, chamado “*Troko Likes*”, já trazia críticas muito nítidas a respeito do uso demasiado das redes sociais, e, mais especificamente, do *Instagram*. Em um trecho da música de autoria do artista mencionado, uma análise rápida já desponta como uma excelente maneira de corroborar que Iorc já demonstrava reflexões importantes acerca das ferramentas conhecidas como Redes Sociais. Veja abaixo um trecho da composição do brasileiro:

“Onde foi, onde foi
 A última vez que você se deixou
 Livre sem se retocar
 Sem se instagramear
 É-é-é era só o começo ou uma coisa boba
 Era só para se mostrar
 E no mar de tanta indiferença
 Era o sol que me faltava
 Era o sol que me faltava”.

Nesse ponto, o próprio compositor já menciona o Instagram como uma das formas das pessoas se “retocarem”, se mostrarem às outras como uma espécie de propaganda explícita de si. No mesmo álbum, a música “Alexandria”, composição de Tiago Iorc e Humberto Gessinger, traz reflexões sobre como as relações se dão na modernidade.

3. “DESCONSTRUÇÃO” EM SUA FORMA E CONTEÚDO

Como iremos perceber ao longo deste tópico, a música “Desconstrução” retoma um discurso já presente em álbuns anteriores do mesmo compositor, que iniciavam uma reflexão sobre o abuso e as implicações das redes sociais na vida das pessoas.

Para entendermos o que o eu lírico quer expressar na canção de 4 estrofes compostas por 10 versos cada, podemos nos deter de início aos dois primeiros versos da canção:

“Quando se viu pela primeira vez

Na tela escura de seu celular

Os versos já entregam ao leitor/ouvinte que a canção relata um fato bastante comum do dia a dia moderno: pegar no celular para se ver, seja com a tela desligada que serve como um “espelho” ou na abertura da câmera frontal. Visto que antes de refletir na tela, a imagem do indivíduo, a tela escurece. E continua no terceiro e quarto verso:

“Saiu de cena pra poder entrar
E aliviar a sua timidez”

Sair de cena nos remete a sair de si mesmo, esquecer sua própria personalidade existente e encarnar uma personagem isenta de timidez. Como o quarto verso diz, o alívio da timidez é apenas na rede social, pois a personagem pode aparecer na tela do *Instagram* por diversas vezes com uma imagem de mulher ousada e dona de si, empoderada, sensual, liberta e bem resolvida. No entanto, a personagem, aliviando a timidez, que é sua e não do outro, acaba se anulando como pessoa com características singulares para suprir expectativas alheias.

“Vestiu um ego que não satisfaz
Dramatizou o vil da rotina
Como fosse dádiva divina
Queria só um pouco de atenção
Mas encontrou a própria solidão
Ela era só uma menina”

Em “vestiu um ego que não satisfaz”, o eu lírico retoma a ideia anterior, usar uma máscara. A palavra ego, que do latim quer dizer “eu”, introduz um contexto de que mesmo vestindo uma outra *persona*,⁵ esta, por sua vez, ainda não lhe satisfaz, e talvez, não tenha satisfeito os outros. “Dramatizar o vil da rotina” é algo muito comum nos blogueiros e influenciadores digitais e da própria dinâmica de utilização de redes sociais como o *Instagram*. Trata-se de uma tentativa de tornar dramático, (assistível) ou interessante, coisas rotineiras como ir comprar pão no supermercado, almoçar, ou até mesmo fazer exercícios físicos em uma academia. No mundo atual, centenas de *stories* (histórias) do *Instagram*, *Facebook* e *Status* de *WhatsApp* expõem pequenos relatos diários da existência comum e trivial de centenas de milhares de indivíduos.

É importante dar ênfase a um pequeno detalhe na letra da música. A palavra vil

poderia estar escrita em inglês “*view*” que teria o mesmo som e pronúncia idêntica, pois remete à linguagem dos internautas onde “*view*” significa visualizações, ampliando o significado e o contexto da obra. Já quando interpretamos sob a ótica do “vil”, palavra da língua portuguesa que tem significado de algo sem muito valor, coisas vãs, ou ordinárias, a ideia do eu lírico continua repercutindo a mesma temática, focando neste momento em definir com um adjetivo a insignificante rotina da personagem.

Após dramatizar o vil de uma rotina em busca de visibilidade (*views*) nas redes sociais, para ganhar a atenção de seus seguidores (queria só um pouco de atenção), como se tudo fosse algo extraordinário (como fosse dádiva divina), a letra revela que no final de toda encenação “*instagrâmica*”, o fim é apenas a solidão. A busca da atenção alheia é um apelo dos usuários das redes sociais. Principalmente quando o *like* se torna um reforço positivo e a demanda por este reforço vai se maximizando a ponto de se tornar um problema patológico, justamente por esse uso indiscriminado.

Abaixo, os seguintes versos representam explicitamente a insatisfação da personagem em apenas estar viva, e por isso, abrir os olhos, acordar viva já não lhe fazia sentido, era importante também, mostrar-se. Essa ideia de mostrar-se para se sentir vivo, admirado, amado e notado, é algo mencionado por especialistas como comum entre os jovens, causando uma verdadeira caçada por curtidas. Tal como assevera Valadares: “Em um mundo pautado pela visibilidade, não ser visto poderia significar a não existência, como dito anteriormente, ou a completa solidão, esta que se traduz como desconexão das redes de informação e entretenimento” (VALADARES, 2013. p.62). A esse mesmo respeito, prossegue Iorc em sua música:

“Abrir os olhos não lhe satisfaz
Entrou no escuro de seu celular
Correu pro espelho pra se maquiar
Pintou de dor a sua palidez”

“Correu pro espelho pra se maquiar” revela a insatisfação consigo mesma da personagem. No *Instagram*, mulheres e homens obtêm mais sucesso ou “viralizam”, quando suas fotos são sensuais. Principalmente as mulheres muito bem maquiadas e

arrumadas, unido a isso, também há a utilização de editores de foto que corrigem as imperfeições, despontando buscas por uma adequação ao padrão estético imposto pela mídia na sociedade de hoje.

“Pintar de dor a sua palidez” é onde o eu lírico insinua uma angústia vivenciada pela personagem ou uma possível patologia. No último verso da estrofe “E voltou pra casa tão vazia” remete a um sentimento de vazio da personagem, que na percepção do eu lírico, sofre com a ausência de um pai (no rastro de um pai que não via). Essa ausência pode ter provocado na personagem, problemas ou traumas não resolvidos, onde a falta do pai poderia ter afetado as relações da jovem, e por isso, a perda da virgindade, ou fazer com que suas relações sexuais, não tenham muito sentido. O verso “No passatempo de prazeres vãos” indica possíveis relações íntimas sem compromisso, relações fracassadas, superficiais. Apesar da tentativa de ter algum prazer na vida, o eu lírico informa que todas as tentativas são frustradas. Deste modo, nem mesmo com relações sexuais sem compromisso ou como passatempo, nem o exibicionismo nas redes sociais digitais conseguem preencher o vazio da personagem da obra.

“E confiou sua primeira vez
 No rastro de um pai que não via
 Nem a própria mãe compreendia
 No passatempo de prazeres vãos
 Viu toda a graça escapar das mãos
 E voltou pra casa tão vazia”

“Amanheceu tão logo se desfez
 Se abriu nos olhos de um celular
 Aliviou a tela ao entrar
 Tirou de cena toda a timidez
 Alimentou as redes de nudez

Fantasiou o brio da rotina”

Assim como no início da canção, o sexto verso da terceira estrofe enfatiza a encenação da rotina (fantasiou o brio da rotina) como algo maravilhoso, interessante e atraente. Se abrir nos olhos de um celular é uma crítica ao uso exacerbado do aparelho já ao acordar. A rotina dos indivíduos ou da maioria deles, é basicamente acordar, pegar o celular para ver as notificações e só depois, iniciar os afazeres diários.

Infelizmente, nas redes sociais digitais, o nu (alimentou as redes de nudez), é bastante comum. Dizemos infelizmente, porque não é uma apreciação natural do nu, mas uma superexposição do nu para gerar alcance, visualizações, desejos, elogios, curtidas. É fato que uma foto de uma mulher de biquíni tem muito mais curtidas do que a foto apenas do rosto dessa mesma mulher. E é por isso que a grande maioria das meninas e mulheres que estão nas redes sociais digitais são quase que condicionadas a expor seu corpo e suas “curvas” nas fotos postadas.

Fazer de sua pele sua sina é dizer que o corpo da personagem é o local onde está seu destino. Um pouco depois disso, a jovem que o eu lírico traz em sua obra acaba partindo-se em cacos, tornando-se pedaços, fragmentada em curtidas, comentários (se estilhaçou em cacos virtuais), seriam estes, os cacos virtuais, os pedaços de atenção e de afeição superficiais, quase encenados, um carinho *fake* (falso). “Singularidades em ruína” remete ao comportamento quase unânime das pessoas nas redes sociais, um comportamento pautado em perfis que se apresentam sempre belos, felizes, livres de frustrações e concordantes com o padrão de beleza vigente. Assim, a essência de cada *persona*⁵ é jogada de lado e por isso dá-se a ruína, ou seja: o fim do que é único, a morte da personalidade rara que cada um possui.

“Fez de sua pele sua sina

Se estilhaçou em cacos virtuais

Nas aparências todos tão iguais

Singularidades em ruína”

Na última estrofe acontece então a finalização de um sofrimento por parte da personagem. O eu lírico revela que a personagem se encontra com uma parte de si

⁵ Segundo C.G.Jung, refere-se à personalidade que o sujeito apresenta aos demais como sendo real, no entanto pode ser uma versão muito contrária à verdadeira.

umbrosa (entrou no escuro de sua palidez) e este contraste, de palidez com escuro, pode sugerir o contraste da pele branca da personagem e da atriz que aparece no videoclipe da música, com o escuro de uma possível depressão. Da mesma forma, “estilhaçou seu corpo celular”, traz a referência de celular como célula, ou seja, a menor unidade de um ser vivo, ou, celular (seu corpo celular), visto que o celular está quase se tornando uma extensão do corpo dos indivíduos. Atualmente, muitos enxergam o *smartphone* não mais como um acessório, uma ferramenta, mas sim como algo indispensável em sua vida.

“Sair de cena”, agora, é “sair da cena” que faz nas redes sociais digitais. Toda a encenação de uma personagem criada para viralizar, tornar-se bem vista e vista por todos. Se liquidar em sua liquidez pode remeter à morte da garota e, que só após a sua morte ela consegue viralizar, ou seja, tornar-se viral, ser compartilhada por centenas ou milhares de pessoas nas redes sociais digitais. “Viralizou no cio da ruína”, se traduz, em nossa análise, que o “cio” acaba refletindo o prazer que as pessoas têm em compartilhar fatos tristes, trágicos ou infelizes.

“Entrou no escuro de sua palidez

Estilhaçou seu corpo celular

Saiu de cena pra se aliviar

Vestiu o drama uma última vez

Se liquidou em sua liquidez

Viralizou no cio da ruína

Ela era só uma menina

Ninguém notou a sua depressão

Seguiu o bando a deslizar a mão

Para assegurar uma curtida”.

“Ela era só uma menina” remete a idade da personagem e, em seguida, o eu lírico confirma a nossa suspeita de patologia: “ninguém notou a sua depressão”. A personagem estava doente, deprimida, mas ninguém notou, ela então, na esperança ou na ingenuidade de tentar se esquivar do sofrimento que a depressão causa, apenas foi vivendo como a maioria das pessoas faz. Vivendo intensamente suas fantasias encenadas em redes sociais digitais para “assegurar uma curtida”. A curtida é quase

um objeto de desejo para alguns, quanto mais curtidas tem uma foto, mais feliz a pessoa pode se sentir, acreditando que a totalidade de seus *likes* é um sinônimo de amor e afeição das pessoas, mas, ao deparar-se com uma realidade de indiferença, as pessoas que estão muito submersas nessa realidade, acabam se desiludindo tão fortemente que o sentimento de frustração pode ser avassalador ao ponto de causar sérios danos a estes sujeitos. Vejamos agora algumas definições e características das redes sociais digitais que confirmam a dinâmica dos usos das redes sociais digitais conforme a crítica trazida pelo compositor Tiago Iorc, em “Desconstrução”.

4. CADA VEZ MENOS CARACTERES: AS CARACTERÍSTICAS DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS

Sabe-se que a evolução das redes sociais digitais aconteceu de maneira relativamente rápida, iniciando com a introdução de opções mais simples como o *Orkut*, de design atrativo, passando para MSN, com aparência mais “*clean*”. Posteriormente, surgiram *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp*, *Tik Tok*, *Telegram* e outros. A imersão da população também se tornou intensa e, atualmente, 82,7% dos brasileiros utilizam a internet, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação 2018 (Pnad Contínua TIC), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Para Marteleto (2001), as redes sociais digitais podem ser definidas como “um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados” (2001, p.72). Assim, percebe-se que o conceito de rede social está ligado a uma ideia de espaço ou “ciberespaço⁶” propício para o desenvolvimento de amizades, afetividades, diálogos e representatividade. Ou seja: um lugar de identificação dos sujeitos e coletividade, utopicamente sem egocentrismos, assim como aborda Vermelho, Velho, e Bertoncello, (2015, p.877): “Nos relacionamentos por meio das redes sociais digitais é possível falar em compartilhamento, em coletividade de iguais; nos demais espaços, não é possível, pois na sociedade predomina a competição e o individualismo”. Nesse contexto, as redes sociais demonstram ser uma excelente maneira para se relacionar com os outros e com o mundo:

⁶ Para Pierre- Lévy, o ciberespaço se define como o espaço da comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e memórias dos computadores. Nesse espaço não se aplica limites físicos aos quais estamos sujeitos no mundo real.

Em termos de construção subjetiva, concluímos que as redes sociais têm oferecido à maioria destes adolescentes possibilidades consideráveis de multiplicar suas redes de contato, expandir seus horizontes espaciais, ampliar suas fontes de informações e experimentar possibilidades inusitadas de “ser” através da construção de seus perfis. (CORRÊA, KODATO, 2014, p.101).

No meio dos jovens, as redes sociais digitais têm ainda mais espaço do que na vida de pessoas mais maduras e que ainda estão se adaptando a essas tecnologias. Tecnologias estas que são vistas por grande parte, como um local de expansão espacial e de contatos.

Deste modo, destacar esses pontos que caracterizam as redes sociais digitais é fundamental para o contexto do nosso trabalho, tendo em vista que a música *Desconstrução*, objeto de nossa análise, tematiza criticamente as possíveis consequências que a dinâmica de interação nas redes pode causar/impactar na vida dos usuários. Por entendermos que o contexto da música indica que o *Instagram* era a rede social utilizada pela personagem, trataremos nos próximos parágrafos apenas das principais características desta rede social.

4.1. As facetas do Instagram

Não é de hoje que o *Instagram* tem tido grande reconhecimento. Apenas no Brasil, a rede social entra no *ranking* das mais utilizadas, em 4º lugar, atrás do mundialmente conhecido e popular *Facebook*, seguido pelo *WhatsApp*, e *Youtube*. Mas o que é o *Instagram*? O aplicativo que virou fenômeno vem sendo muito utilizado pela massa da era digital é uma rede social para usuários de *smartphones* com sistema operacional *Android*, *Windows Phone* ou *IOS* que, ao realizar o *download* através da loja de aplicativos do telefone, podem postar fotos e vídeos.

O Instagram, assim como o Facebook, integra informações selecionadas ou produzidas por seus autores, construtores do perfil que assinam as postagens. Uma rede de amigos ou seguidores é formada sob a escolha do autor do perfil e orientação — ou manipulação — dos bots (robôs automatizadores de mídia social) que lhe encaminham informações e sugestões de publicações, de amizades, de publicidade. (RAMOS; MARTINS, 2018, p.124).

A performance dos usuários, o que eles curtem, seguem, assistem ou postam, aumenta o número de informações sobre cada um na base de dados do algoritmo, resultando assim, em sugestões do próprio *Instagram* sobre o conteúdo que mais agrada.

O botão “curtir” que tem formato de coração e coloração vermelha é um

instrumento cênico planejado e estrategicamente pensado pelos desenvolvedores da ferramenta. Além de conseguir publicar fotos, vídeos, e interagir através das curtidas nas postagens das pessoas que se segue, há a possibilidade de deixar comentários em cada publicação, criar *lives* ou assistir ao vivo de outros usuários, repostar as publicações dos usuários da rede em seu próprio perfil através do compartilhamento nos *stories*, entre outros. “O *Instagram Stories* é uma plataforma, lançada em 2016, caracterizada como seção do aplicativo *Instagram*. O recurso recebeu milhões de adeptos desde seu lançamento. (FERRARI, 2018. p.1).

Além dos *stories*, o *Instagram* tem um apetrecho que muito tem atraído os seus usuários, essa ferramenta é conhecida como “filtro”. Os filtros têm versões diferentes e cada usuário pode desenvolver o seu. São diversas as opções dos filtros do *Instagram*, alguns com rostos de animais, até os mais comuns com efeitos de maquiagem ou bichectomia⁷, por exemplo.

Segundo Silva (2020), são claras as mudanças na vida de pessoas tidas como comuns, ou seja: pessoas que não são ou pelo menos não eram famosas por nenhum tipo de habilidade especial ou produção artística como os atletas, atores e atrizes, cantores ou celebridades. Outras pessoas, anônimas, começaram a ganhar mais notoriedade pelo fato de terem uma quantidade de seguidores expansiva e, conseqüentemente, começaram a produzir algum tipo de conteúdo em foto ou vídeo para o seu público (seguidores). Esse comportamento garante não apenas o reconhecimento de marcas e de empresas que acabam procurando essas pessoas para divulgarem seus produtos ou serviços, mas faz com que esse tipo de divulgação seja uma fonte de renda. Em alguns casos, quanto maior o número de seguidores, maior a renda do *Digital Influencer*⁸.

Contudo, mesmo que a idade mínima para se ter uma conta na rede social mencionada seja de 13 anos, é possível encontrar diversos perfis de crianças e até mesmo de bebês. Neste caso, os perfis são criados pelos pais ao que tudo indica, mas é algo que nos causa estranheza. Apesar do número considerável de pessoas com menos de 13 anos na rede social, o *Instagram* emitiu uma nota em 17 de março de 2021 informando que está “investindo em tecnologias inovadoras que podem e vão criar um ambiente *online* mais seguro para usuários mais jovens”.

⁷ Bichectomia: extração da almofada de gordura bucal; procedimento de cirurgia plástica que tem como finalidade reduzir as bochechas e aparentar um rosto menos redondo ou volumoso, realçando a maçã do rosto.

⁸ O “fazer de sua pele a sua sina” é uma das causas dos usuários das redes sociais também obterem algum potencial positivo através de recursos financeiros como permutas (tipo de contrato em que as partes trocam itens, serviços ou objetos), produtos e dinheiro.

5. “PRÁTICAS CONFSSIONAIS” E A DILUIÇÃO DAS FRONTEIRAS ENTRE PÚBLICO E O PRIVADO

Mais do que apenas redes sociais digitais, a música de Iorc nos leva a refletir sobre suas dinâmicas de uso e modos de interação – sobretudo, no *Instagram*. A esse respeito, Bauman (2008, p.8) nos chama atenção para um elemento muito importante, próprio a essa dinâmica: a troca de informações pessoais constitui aquilo que há de mais central nessas redes. Mais do que isso: os usuários se satisfazem ao verem detalhes íntimos e pessoais serem revelados através de postagens, muitas delas acompanhadas por imagens.

Uma das consequências que esse modo de interação baseado na exposição da intimidade tem causado é o que alguns autores identificam como sendo uma verdadeira erosão entre as esferas públicas e privadas (BAUMAN, 2008; RODRIGUES, 2019; SIBILIA, 2016).

Se tomarmos como espaço público aquele em que as ações podem ser vistas, e o privado como o seu oposto (RODRIGUES, 2019), podemos afirmar que as redes digitais diluíram, ou, no mínimo, borraram essas fronteiras. Pessoas comuns, de todas as partes do mundo passaram a se utilizar de diversas ferramentas e dispositivos para expor sua intimidade voluntariamente. Tal exposição tornou-se palco para a criação de personagens que se auto representam e interpretam sua própria vida por meio de “confessionários eletrônicos”:

Revelações de ambientes privados e ações íntimas, a necessidade de visibilidade para legitimar a própria identidade e a sede por histórias reais do cotidiano, marcam, com a ajuda da internet e suas redes sociais, uma mudança entre as concepções de Espaço Público e Espaço Privado. De fato, as redes sociais podem ser vistas como um palco, onde as possibilidades de auto representação são inúmeras e muitas vezes as publicações não tem limite de tempo de apresentação. (RODRIGUES, 2019, p.26).

Isto nos leva a um dos conceitos de grande relevância para compreendermos as dinâmicas de uso e interação das redes sociais digitais na atualidade e seus possíveis efeitos na vida social, muitas delas percebidas na música de Iorc. Trata-se do que Sibilía denominou por usos ou práticas confessionais:

Os usos confessionais da internet - ou seja, aqueles nos quais cada um dá testemunho da própria vida - parecem se enquadrar nessa categoria: seriam, portanto, manifestações renovadas dos velhos gêneros autobiográficos. O eu que fala e se mostra incansavelmente nas telas da rede costuma ser tríplice: é ao mesmo tempo autor, narrador e personagem. (SIBILIA, 2016, p.57).

A exposição voluntária e confessional como “regra”, bem como a erosão entre as esferas públicas e privadas parecem constituir traços característicos dos modos de interação nas redes sociais digitais contemporâneas. Remetendo a Walter Benjamin, o filósofo sul-coreano Han (2020) aponta elementos que podem nos ajudar a compreender melhor essa dinâmica e como seu uso se modificou nas redes:

Segundo Walter Benjamin, para as coisas que estão a serviço do culto ‘é mais importante que existam do que sejam vistas’. Seu ‘valor cultural’ deve-se à sua existência, e não à sua exposição. A prática de colocá-las reclusas em um espaço inacessível, limitando o acesso a elas, eleva o seu valor cultural. Há imagens que permanecem encobertas a maior parte do ano. Na sociedade positiva, na qual as coisas, agora transformadas em mercadorias, têm de ser expostas para ser, seu valor cultural desaparece em favor de seu valor expositivo. Em vista desse valor expositivo, sua existência perde totalmente a importância. Pois, tudo que repousa em si mesmo, que demora em si mesmo passou a não ter mais valor, só adquirindo algum valor se for visto. (HAN, 2020, p.27-28).

Rodrigues (2019) ainda comenta que esse tipo de atitude, bastante frequente nas redes sociais digitais, funciona como uma espetacularização da própria vida, onde, o espaço disponibilizado pela rede social funciona como o palco. Esse palco, para nós, segue-se como um teatro, espaço para ficções, criações artísticas, quase sempre inverídicas, como nos confirma Sibilia:

Pelo menos em certa medida, não deixa de ser uma ficção; pois, apesar de sua contundente autoevidência, é sempre frágil o estatuto do eu. Embora se apresente como "o mais insubstituível dos seres" e "a mais real, e aparência das realidades", como diz Pierre Bourdieu em seu artigo intitulado "A ilusão biográfica", o eu de cada um de nós é uma entidade complexa e vacilante.² Uma unidade ilusória construída na linguagem, a partir do fluxo caótico e múltiplo de cada experiência individual. (SIBILIA, 2016, p.57).

Ao “espetacularizar” sua própria existência, constrói-se a ideia do indivíduo se tornar o protagonista da história, mas esse tipo de performance seria alimentado pelos gêneros que a internet designa como apropriados:

Espetacularizar o eu consiste precisamente nisso: transformar as nossas personalidades e vidas (já nem tão) privadas em realidades ficcionalizadas com recursos midiáticos. É isso que se procura fazer ao performar a própria intimidade nas telas cada vez mais onipresentes e interconectadas. (SIBILIA, 2016, p.249).

Contudo, para Rodrigues (2019), o espetáculo faz parte do modo de viver dos indivíduos da contemporaneidade, sendo uma parte essencial na construção de quem eles são. E se o modo de interação nas redes sociais digitais passa a fazer parte, ou mesmo ser definidor daquilo que as pessoas são, estamos, portanto, adentrando no

terreno das subjetividades:

Cada postagem contém um traço de subjetividade, uma escolha de quem cria o perfil, que, ao registrar seus momentos, também se posiciona como seu autor, colecionando histórias. Autoria essa construída em uma parceria natural e frequentemente involuntária, instaurada a partir do acesso a outros perfis. (RAMOS; MARTINS, 2018, p.127).

É justamente sobre o entrelaçamento entre o narcisismo digital, a superexposição e o seu papel na produção de subjetividades nas redes sociais digitais que iremos discutir no próximo tópico. É preciso, portanto, pensar sobre o lugar que as redes sociais possuem na produção e reprodução da subjetividade no mundo atual.

6. NARCISISMO DIGITAL E SUBJETIVIDADE NAS REDES

Em seu trabalho monográfico Rodrigues (2019) discute sobre as subjetividades dos indivíduos e o narcisismo contemporâneo. Narcisismo esse que pode ser definido através do conceito freudiano, onde o amor a si mesmo supera qualquer amorosidade aos outros, além de uma afirmação positiva sempre potencializada e intensa da visão do seu eu:

Nas antipatias e aversões não disfarçadas para com estranhos que se acham próximos, podemos reconhecer a expressão de um amor a si próprio, um narcisismo que se empenha na afirmação de si, e se comporta como se a ocorrência de um desvio em relação a seus desenvolvimentos individuais acarretasse uma crítica deles e uma exortação a modificá-los. (FREUD, 1921/2011, p. 57).

Há uma interlocução entre a noção de narcisismo e a dinâmica de uso das redes sociais digitais. Rodrigues (2019) considera que a forma com que o “narciso” indica seus traços nessas redes estão relacionados a uma necessidade constante de ser admirado por outros usuários, através de fotos e superexposição.

Neste sentido, Silva (2020) nos fala a respeito da noção de “narcisismo digital”, que pode constituir um poderoso elemento para refletirmos sobre as redes sociais digitais e as interações no meio digital. Ele é entendido como “um sintoma do dramático quadro de crise ética que afigura a sociedade contemporânea” (SILVA, 2020, p.57).

Entrando em uma análise mais “patológica”, Silva (2020) compara a atividade nas redes sociais digitais como uma maneira de se colocar o narcisismo à mostra ou de aflorá-lo, visto que a fabricação de uma imagem nas redes sociais digitais é uma forma de se ganhar mais curtidas e conseqüentemente, mais veneração:

O resultado de toda essa exposição contemporânea da intimidade é o surgimento de personagens que não mais se compõem em processos de interiorização – como “um dobra sobre si mesmos” (TUCHERMAN, 2005: 47 – mas como personagens midiáticos, cuja existência depende do olhar alheio, materializado pela mídia. (VALADARES, 2013, p.62).

Silva (2020) aponta o forjamento de poses, atividades, imagens perfeitas, performances que de certa forma agregam à rede social e engajam ainda mais curtidas, comentários e, conseqüentemente, seguidores. Para ele, esse tipo de comportamento pode fomentar ainda mais o narcisismo.

Para explicar esse narcisismo aparentemente tão prejudicial às existências humanas, Silva (2020) reflete que as adesões frequentes de novos sujeitos à oferta do espelho negro dos seus celulares, ou seja, da visão de si em uma tela escura, a mesma que é provocada quando desligamos o aparelho celular ou quando ele fica em *stand by* pode, de certa forma, influenciar os sujeitos ao narcisismo ou à conduta narcisística, para ele é preciso gostar do que se vê para que se continue olhando no espelho e, as imagens influenciadas pelos algoritmos das redes sociais digitais são formas de autocontemplação de tal modo que o narciso digital olha para a tela do celular e não mais para a água do rio.

Diante disso, Silva (2020) menciona o termo “vida em exercício na Esfera Digital”, a respeito do uso dessa rede social e o número exorbitante de pessoas que a utiliza, em busca de aceitação e, por vezes, veneração de sua própria imagem. Na canção “Desconstrução”, alguns trechos inferem características que se alinham a esse debate:

“Alimentou as redes de nudez, fantasiou o brio da rotina [...] Nas aparências todos
tão iguais, singularidades em ruína”.

Esses pontos da composição musical se relacionam diretamente com o comportamento que os usuários do *Instagram* costumam performar na rede. Algumas delas são as fotos com teor sensual ou sexual, bastante comuns na plataforma. Como afirma Paula Sibilia (2016):

Nesse sentido, vem ocorrendo uma certa politização da própria nudez, com reivindicações democratizantes do direito a se exibir sem roupas, algo que deveria se estender a qualquer -ou, na maioria dos casos, qualquer uma para além dos limites do espaço privado ao qual os processos civilizatórios relegaram tais práticas nos primórdios da era moderna. (SIBILIA, 2016, p.271).

“Fantasiar o brio da rotina” também é outro momento que, apesar de parecer poético, nos é ou demonstra ser bem próximo do real. Agora chegamos ao ponto mais

explícito da música que, pelo menos para nós, faz referência direta aos filtros. Os filtros “transformam” rostos únicos, excêntricos, individuais, pessoais, naturais, marcados de exclusividade, em rostos comuns, ou melhor dizendo: rostos padronizados.

São faces organizadas e extremamente idênticas umas às outras, filtros que afunilam narizes, tornam sorrisos mais brancos e uniformes, olhos esverdeados ou em tons mais claros de azul, sobrancelhas bem contornadas, rostos afilados, peles sem marcas, sem manchas, e lábios destacados em cor-de-rosa ou mais rosados do que realmente são.

Para Silva (2020), esse constante uso dos filtros para “melhorar a aparência”, e, como consequência, esconder o que não se quer mostrar (ou exibir apenas o melhor nas publicações) se tornou uma busca de curtidas como sinais de aprovação do público.⁹ Assim, a experiência provocada pela criação de um perfil nas redes sociais digitais pode configurar-se em uma representação nítida do que se quer mostrar de si ou do que se quer aparentar para os outros. E mais: uma maneira de ser o que os outros querem que o narciso seja.

¹⁰A esse respeito, entraremos agora em uma discussão importante, que nos remete ao tema das subjetividades. É preciso frisar que por mais que se enquadre em “auto representações” comuns e até mesmo banais, este sistema social espetacularizado, típico das dinâmicas de uso e interação nas redes sociais, se tornou parte essencial da construção dos indivíduos, que tendem cada vez mais a orientar a própria subjetividade a partir do olhar do outro:

Como mostrou Sibilia (2004; 2008b), essa entrada da confissão no âmbito das mídias porta uma dupla descontinuidade no que concerne à produção da subjetividade do indivíduo contemporâneo. A primeira refere-se a uma mudança de lócus da verdade de si. A verdade de cada um, antes parcialmente escondida em um âmago secreto, íntimo e privado, devendo ser escavada e explorada a partir da introspecção com o desenvolvimento dos aparelhos de informação e comunicação, cada vez mais parece transpor-se para a superfície do sujeito e, simultaneamente, para as telas dos meios de comunicação. O antigo olhar introspectivo transformou-se em uma nova forma de espetacularização do eu, que tem na Internet espaço propício de experimentação. Nesse contexto, novas práticas que incitam o sujeito a se exibir passaram a tomar o terreno antes dedicado à introspecção, ao exame de si (VALADARES, 2013, p.61).

⁹ A interpretação da comunidade que vive dentro desse tipo de rede é de que se a publicação teve muitas curtidas é um bom sinal, ou seja, é um sinal de que o usuário teve sucesso em sua postagem na rede

¹⁰ Silva (2020) ainda coloca para reflexão a ideia de Byung-Chul Han (2015), onde o conceito de belo natural x belo digital comungam totalmente com o momento atual e que o conceito de belo digital se situa instalado no núcleo da “sociedade positiva”, uma sociedade imediatista, que busca rapidez, agilidade. A urgência na vida digital é uma prioridade e os textos digitados através do teclado touchscreen é uma maneira de se conectar e de se relacionar com os outros indivíduos. Para Silva (2020), o ócio nem o vacilo são permitidos na Esfera Digital.

Agora mais do que nunca, o “eu” se faz nas redes a partir da necessidade de exposição e aprovação do outro. Dá-se aí o caráter relevante das redes sociais digitais na construção de quem somos e, possivelmente, de quem seremos. Em outras palavras, da fabricação do “eu” e de sua subjetividade.

7. FINAIS SEMPRE TRÁGICOS? EXPOSIÇÃO NA REDE, UMA VI(D)A DE MÃO DUPLA

Não é segredo que diversos anônimos conseguiram avançar com projetos de superexposição da vida cotidiana nas redes sociais e alcançarem sucesso estrondoso. Sucesso esse que vem acompanhado de muita fama e oportunidades.

Um caso bastante conhecido no Brasil é o do *digital influencer*, Carlinhos Maia, natural de Penedo- AL, cidade do nordeste que possui menos de 100 mil habitantes. O jovem, que hoje se intitula humorista, despontou a partir da rede social *Instagram* com vídeos sobre o seu dia a dia, onde relatava casos da rotina de forma bastante bem humorada.

Atualmente, Carlinhos Maia conta com 24 milhões de seguidores e 2 bilhões de visualizações no *Instagram*. Assim, é bastante perceptível que, para ganhar alcance intenso através das redes sociais digitais, é preciso muita exposição. Essa exposição que beira o abismo da ausência da privacidade, e, salta sem paraquedas para uma exposição do que há alguns anos era vista como algo de caráter privado, hoje, tem como sua escrava uma “sociedade da exposição”, sempre disponível, *online* e disposta a “fantasiar o brio da rotina”.

Por outro lado, nem todas as histórias são de sucesso quando o tema é redes sociais digitais. Assim como em “Desconstrução” e no caso do garoto Lucas Santos, que tirou a própria vida por comentários negativos que recebeu em um vídeo postado no *TikTok*. Lucas era filho da cantora nacionalmente conhecida, Walkyria Santos, ex vocalista da Banda Magníficos. No vídeo postado, Lucas aparece brincando com um amigo da escola e que ao se aproximar do colega, deu a entender que iriam se beijar. Mesmo não fazendo, uma ensurdecidora repercussão negativa ocorreu na rede social citada. Foram inúmeros comentários homofóbicos. O jovem de 16 anos, para explicar o fato, gravou mais um vídeo informando aos seguidores que tanto ele quanto o seu amigo eram heterossexuais. Mesmo assim, poucas horas depois, o jovem se suicidou em seu quarto.

A vida nas redes sociais teria uma mão dupla; essa dualidade positiva e

negativa aponta para dois extremos: o primeiro é a potencialidade que ela tem de ser um deleite carregado de gatilhos que possam aflorar patologias ou adoecer pessoas: positividade, padrões físicos e econômicos inacessíveis, rotinas perfeitas, ou seja, uma vida atravessada pelo consumismo e para consumo de si como um produto. Desse modo, o sociólogo e filósofo polonês Bauman resume a latente implicação na produção da subjetividade influenciada por esse comportamento, muitas vezes, inconsciente, dos indivíduos que utilizam esse tipo de mídia: “Numa sociedade de consumidores, tornar-se uma mercadoria desejável e desejada é a matéria de que são feitos os sonhos e os contos de fadas” (BAUMAN, 2008, p.22). A segunda, é a oportunidade para ascender profissionalmente, fazendo das redes uma vitrine para as suas habilidades, sejam elas linguísticas, comunicativas, físicas, ou até mesmo intelectuais é o lado favorável da moeda.

Na música *Desconstrução*, a protagonista “correu para o espelho para se maquiar”, “pintou de dor a sua palidez”, e usando os versos expostos podemos destacar que atitudes como essa são bastante comuns em uma sociedade expositiva e positiva. A dor e os problemas devem ser banidos da vida e, apenas, o que é positivo prevalece. Essa ilusão de estar vivendo em um mundo perfeito e que não pode ser doído e nem negativo, muito tem prejudicado a profundidade da alma humana como aponta Han (2017, p.15), “A sociedade positiva tampouco admite qualquer sentimento negativo. Desse modo, esquecemos como se lida com o sofrimento e a dor, esquecemos como dar-lhes forma”.

Ainda com a mesma sequência de versos é válido mencionar a imprescindibilidade do belo e do que é atraente aos olhos alheios. De acordo com Han:

O valor expositivo depende sobretudo da bela aparência. Assim, a coação por beleza e por *fitness*; a ‘operação beleza’ tem como objetivo maximizar o valor expositivo. Nesse sentido, os *paradigmas* atuais não transmitem qualquer valor interior, mas medidas exteriores, às quais se procura corresponder, mesmo que às vezes seja necessário lançar mão de recursos violentos. O imperativo expositivo leva a uma absolutização do visível e do exterior. O invisível não existe, pois não possui valor expositivo algum, não chama a atenção. (HAN, 2020, p.34)

Desse modo, é incomum ver alguém exposto em telas de smartphones sem qualquer resquício de “ajuste”, “na era do facebook e do photoshop o ‘semblante humano’ se transformou em face, que se esgota totalmente em seu valor expositivo. A face é o rosto exposto sem qualquer ‘áurea da visão” (HAN, 2017, p.21). O uso de maquiagem também pode ser compreendido ou até mesmo substituído pelos filtros, visto que eles têm o mesmo efeito nas faces.

O projeto de beleza, exposição e positivo é não só aceito, mas também feito

pelos outros que comungam e caminham pela mesma estrada estreita de uma atenção sem reflexão e altamente exposta. Assim, sem uma atenção genuína, um observar o outro para entendê-lo e uma maior preocupação com a vedação do que deve ser mantido no escuro, a sociedade expositiva caminha para um eterno fazer-se notar, mostrar-se. Um chamar atenção que nada mais é do que um afloramento das condições narcisísticas dos indivíduos.

As redes sociais digitais como *Instagram* e *Facebook* abrem os caminhos tortuosos do narciso para todos aqueles que as utilizam? Ou seria uma condição do sujeito narcisista apropriar-se daquilo que lhe possibilitaria maior exposição do amor dirigido a si mesmo?

O sujeito narcísico não pode colocar um limite a si mesmo; os limites de si mesmo desaparecem. Por isso ele não consegue fazer surgir uma imagem estável do si-mesmo; funde-se de tal forma em si, que não se torna possível jogar consigo mesmo. O narcisista, tornado depressivo, engole a si mesmo em sua intimidade ilimitada. Não há qualquer vazio ou distância que consiga distanciar o narcisista de si mesmo. (HAN, 2017, p.48).

No decorrer dos anos de existência da rede social "*Instagram*", diversos usuários tiveram suas vidas permeadas por polêmicas ou, na maioria das vezes, por uma exigência de manter padrões em fotos, vídeos, *stories*, entre outros. Ainda, como defende Silva (2020), o narcisismo digital pode atingir não apenas a camada mais famosa na rede social, mas também aqueles vistos como anônimos. Esse fato gera cada vez mais impactos no sono e na autoimagem e podem desencadear problemas como ansiedade e a depressão principalmente na parcela da população mais jovem, como aponta o estudo realizado no Reino Unido pela *Royal Society for Public Health*, em parceria com o movimento de saúde jovem:

[...] 90% das pessoas entre 14 e 24 anos usam redes sociais – mais do que qualquer outro grupo etário, o que os torna ainda mais vulneráveis a seus efeitos colaterais. Ao mesmo tempo, as taxas de ansiedade e depressão nessa parcela da população aumentaram 70% nos últimos 25 anos. Os jovens avaliados estão ansiosos, deprimidos, com a autoestima baixa, sem sono, e a razão disso tudo pode estar na palma das mãos deles: nas redes sociais, justamente. (CARBONARI, 2017,s/n).

Uma outra verdade é a de que as redes sociais digitais possuem um alcance exponencial e ilimitado para divulgação e informação. Visto isso, no próximo tópico apontaremos as nossas considerações a respeito desse fenômeno digital e social que não só se faz presente nas rotinas de quase todas as pessoas do planeta, como tem sido um dos maiores modificadores do comportamento humano, influenciando não só o que se vê, mas o que se veste, se come e se expõe.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da música “Desconstrução”, do compositor Tiago Iorc, procuramos refletir a respeito de uma série de questões, tão amplas quanto complexas, que envolvem redes, suas formas de uso e dinâmica de interação e seu impacto na produção de subjetividades no mundo contemporâneo.

Quando se iniciou o trabalho de pesquisa, constatou-se que a “fabricação de si mesmo” estaria alicerçada em atividades diárias nas redes sociais digitais e no olhar do outro, saindo de uma interiorização e derivando-se a uma consideração do que o outro vê. Neste percurso, as noções de “narcisismo digital”, “práticas confessionais”, “público e privado” e como se configura a produção de subjetividades tornaram-se ideias-chaves em nossa linha de interpretação.

Constatamos que o objetivo geral foi atingido, visto que o trabalho conseguiu verificar que há uma forte influência nos usuários das redes sociais digitais de produzirem e reproduzirem comportamentos padrões e bastante específicos das pessoas que estão situadas dentro desse contexto. Vimos também, que ao mesmo tempo em que as redes sociais digitais possibilitam que pessoas anônimas se tornem famosas e ascendam socialmente, existem implicações negativas dessa imersão quase que total das pessoas nesse universo, bem como as consequências que o uso contínuo das redes pode trazer para a saúde mental dos usuários. Seguindo o pensamento de Han, entende-se que o problema maior não é o aumento da interação e do poder que as imagens, em si mesmas, adquiriram nessas redes, e sim “a coação icônica para tornar-se imagem”. Para ele, este é o imperativo maior da “sociedade da transparência”: “[...] coloca em suspeita tudo o que não se submete à visibilidade. E é nisso que está o seu poder e sua violência”. (HAN, 2017, p.35).

Para atingir os resultados utilizou-se a metodologia da pesquisa bibliográfica de autores com grandes reflexões como uma alternativa para atribuir compreensão e cientificidade a respeito da temática. Considerando os aspectos gerais, é imprescindível valorizar que os resultados apresentados nesta pesquisa não pretendem ser considerados como uma única verdade, do lado avesso, sugere apenas uma das possíveis maneiras para se compreender um fenômeno contemporâneo, importante e complexo, e, assim, perceber suas implicações para a vida em sociedade, principalmente no que diz respeito àqueles diretamente ligados às transformações causadas pelos usos e interações nas redes sociais digitais.

Diante do caminho traçado até aqui, percebemos que há ainda muitos aspectos a serem explorados sobre esse tema, que envolvem: entrelaçamento dos estudos de

mídia, modos de uso e interação nas redes sociais digitais e produção de subjetividades. Encerrando, mencionamos que estes resultados não são irrefutáveis, acalorando uma constância de estudos sobre a temática, fomentando as contribuições oferecidas pela pesquisa acerca da relação entre as redes sociais digitais em relação e as possíveis síndromes que ela pode provocar.

A dor e os problemas sempre serão vivenciados por todos nós, independentemente de raça, sexo, ou situação financeira. Pessoas aparentemente felizes e a pergunta clichê “tudo bem?” com a resposta esperada “sim” é tão cômoda quanto negligente, afinal, nossa preocupação não deve se sustentar em uma resposta, mas em uma observação mais atenciosa.

A personagem de “Desconstrução” tentou mascarar seu sofrimento com maquiagem, fotos bonitas nas redes sociais digitais e sexo casual, mas “ninguém notou a sua depressão”, e o final acabou sendo a “liquidez” de “seu corpo celular”, todavia ela “queria só um pouco de atenção”. A letra da música traz reflexões importantes e, através dela, como também de outras expressões artísticas e literárias, é possível pensar e analisar questões amplas e contemporâneas muito importantes, afinal “a vida imita a arte mais do que a arte imita a vida” (Oscar Wilde).

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Para Consumo: A transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CARBONARI, Pamela. **Instagram é a rede social mais nociva à saúde mental**. In: Revista /online. Superinteressante, 21/mar/2022. Disponível em:

<https://super.abril.com.br/sociedade/instagram-e-a-rede-social-maisprejudicial-a-saude-mental/>

CARVALHO, M. A. M. C.; FRANCKLIN, E. O.. **A performance do indivíduo através da imagem: Análise dos traços do narcisismo no instagram**. 2019. 64 f. Monografia (Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa – MG, 2019. Disponível em: <https://www.jornalismo.ufv.br/a-performance-do-individuo-atraves-da-imagem-analise-dos-tracos-do-narcisismo-no-instagram/>. Acesso em: 1 out. 2021.

CORRÊA, F. S.; KODATO, S. AS REDES SOCIAIS E A DISCUSSÃO SOBRE DEPENDÊNCIA AFETIVA NAS RELAÇÕES VIRTUAIS.

Perspectivas em Psicologia, [S. l.], v. 18, n. 2, 2014. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/29646>. Acesso em: 1 abr. 2022.

FERRARI, Pollyana; DEMUNER, Tamara. **Centros culturais no Instagram Stories**. REGIT, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 23-38, dez. 2018. ISSN 2359-1145. Disponível em: <<http://revista.fatecitaqua.edu.br/index.php/regit/article/view/REGIT10-A2>>. Acesso em: 18 Mar. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HAN, Byung-Chul. **No enxame : perspectivas do digital**; tradução de Lucas Machado. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**; tradução de Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2017.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. In: **Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal**. [S. l.], 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794_informativo.pdf.

Acesso em: 18 mar. 2022.

MARTELETO, Regina Maria. **Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação**. Ciência da Informação, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MOSSERI, Adam. **Explicando melhor o funcionamento do Instagram**. [S. l.], 8 jun. 2022. Disponível em: <https://about.instagram.com/pt-br/blog/announcements/shedding-more-light-on-how-i-nstagram-works>. Acesso em: 6 mar. 2022.

RAMOS, Penha Élidea Ghiotto Tuão; MARTINS, Analice de Oliveira. Reflexões sobre a rede social Instagram: do aplicativo à textualidade. **Revista Texto Digital**, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 117-133, jul. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2018v14n2p117>. Acesso em: 18 mar. 2022.

QUEIROGA, Cíntia Silva; BARONE, Leda Maria Codeço; COSTA, Beethoven Hortencio Rodrigues da. **Uma breve reflexão sobre a formação das massas nas redes sociais e a busca por um novo ideal do eu**. J. psicanal., São Paulo, v. 49, n. 91, p. 111-126, dez. 2016. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352016000200011&lng=pt&nrm=iso. acessos em 06 mar. 2022.

SANTOS, Carlos Antônio Barbosa dos et al. **Análise Dialógica da música “Desconstrução”: a construção do Eu na letra de música de Tiago Iorc**. In: 1º ELUNEAL – Encontro de Licenciaturas na Universidade Estadual de Alagoas - Arapiraca-AL, 2019. Disponível em: 10 out. 2020. <https://www.doity.com.br/anais/1-eluneal/-trabalho/110604>. Acesso em: 31/10/2020 às 19:07.

SIBÍLIA, Paula. **O Show do Eu: A Intimidade como Espetáculo**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2016.

SILVA, Igor Gacheiro da. **Isso é muito Black Mirror: narcisismo digital e vigilância algorítmica na composição da crise ética contemporânea**. 2020. 83f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

SOUSA, Diogo Araújo de; CERQUEIRA-SANTOS, Elder. Redes sociais e relacionamentos de amizade ao longo do ciclo vital. **Rev. psicopedag.**, São Paulo, v. 28, n. 85, p. 53-66, 2011. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862011000100006&lng=pt&nrm=iso. acessos em 15 out. 2020.

TIAGO IORC - **Desconstrução**. Direção: TIAGO IORC. Intérprete: Tiago Iorc. [S. l.: s. n.], 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=UXTYErYEXsk>. Acesso em 3 de março de 2022.

VALADARES, M. G. P. de F. (2013). A verdade de si e as narrativas

confessionais: do Eu clássico ao Eu midiático. **Comunicação & Inovação**. São

Caetano do Sul, 14(26): 57- 64, jan. 2013. Disponível em:
http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/1662
[2022, 18 de março].

VERMELHO SC, Velho APM, Bertencello V. **Sobre o conceito de redes sociais e seus pesquisadores**. Educ. Pesqui. São Paulo, v. 41, n. 4, p. 863-881, 2015.

WALKYRIA Santos não consegue ir ao enterro do filho; corpo foi sepultado na Grande Natal. [S. l.], 4 ago. 2021. Disponível em:
<https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2021/08/04/corpo-do-filho-da-cantora-walkyria-santos-e-sepultado-na-grande-natal.ghtml>. Acesso em: 18 mar. 2022.